

Revista de História e Memória mantida por grupos de pesquisa em História sediados nas universidades federais do Rio Grande do Norte (UFRN) e de Sergipe (UFS) e nas universidades Regional do Cariri (URCA) e do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)



A Igreja Missão Metodista do Quéssua em Angola, 1915. | Foto: Paul Blake.

História, Cristianismo e Missiologia

Resenha de *A Igreja em Angola: Um Rio Com Várias Correntes*, de Lawrence W. Henderson

Recebido em 10/04/2026 e publicado em 20/06/2026

Marcelino Chinhama Hossi (ISCED-HUILA)

Resumo: *A Igreja em Angola*, de Lawrence W. Henderson, analisa a implantação, o desenvolvimento e a atuação das igrejas cristãs em Angola, do período colonial ao pós-independência, destacando desafios políticos, sociais e religiosos. Apesar de algumas lacunas, evidencia o ecumenismo e a relevância histórica da Igreja, contribuindo para a compreensão do cristianismo no contexto angolano e de suas transformações ao longo do tempo.

Palavras-chave: religião em Angola; Igreja cristã; mosaico eclesiástico; ecumenismo.

O livro *A Igreja em Angola: Um rio com várias correntes*, de Lawrence W. Henderson, possui 494 páginas, foi publicado originalmente pela Editorial Além-Mar, em Lisboa, Portugal, em 1990, e reimpresso pela Livraria Barquinho, em Luanda, Angola, em 2015. É destinado ao público cristão e, de maneira geral, aos estudiosos da história das igrejas cristãs em Angola. O propósito fundamental do livro é responder a três questões: como as diversas igrejas cristãs se instalaram no território angolano?; como se desenvolveram e atuaram, contribuindo para o desenvolvimento das comunidades?; até que ponto, a despeito das várias correntes eclesiais, vigorou o ecumenismo? O prefácio foi escrito por Frei Bento Domingues, O. P., teólogo, sacerdote e religioso católico dominicano português.



Lawrence W. Henderson foi teólogo evangélico, natural dos Estados Unidos da América. Viveu 22 anos em Angola e trabalhou em várias missões evangélicas pertencentes à atual IECA, Igreja Evangélica Congregacional de Angola. Lecionou em seminários ‘católicos e evangélicos. O livro é fruto de experiências vividas, testemunhos e pesquisas, e está organizado em três partes: a primeira, Período Colonial, composta por nove capítulos; a segunda, A transição de “colônia” para “Estado independente”, composta por dois capítulos; e a terceira, “A independência e a guerra civil”, composta por quatro capítulos.

Na introdução, o autor apresenta o panorama geral do assunto e deixa claro que a tônica de sua abordagem recai sobre a introdução, a expansão, a organização e a intervenção social da Igreja cristã em Angola. Ressalta, ainda, a lacuna da literatura sobre a Igreja em Angola, já que não se pode falar da história de Angola sem destacar o papel da Igreja.

Na primeira parte, Henderson apresenta o período colonial, destacando que, antes da chegada do protestantismo, já se encontrava em solo angolano a Igreja Católica, desde os primórdios da colonização. Além disso, a implantação das várias igrejas protestantes não ocorreu pelo mesmo processo, pois o território angolano é composto por diversos grupos etnolinguísticos, e cada um reagiu de maneira diferente. Antes disso, porém, os diversos povos que habitavam Angola já tinham a noção de Deus, de um ser soberano que devia ser adorado, cuja nomenclatura variava de acordo com a região e a língua: Nzambi, Suku, Kalunga, Huku, entre outros. Também se salienta que a implantação das igrejas cristãs em Angola – tanto a Católica quanto as protestantes – deu-se fundamentalmente por meio das missões, nas quais não somente se administrava a religião, mas também a educação e a saúde, completando a tríade igreja, escola e hospital.

Na segunda parte do livro, o autor destaca que, de 1961 a 1974, a Igreja enfrentou um grande desafio: reafirmar-se em meio à guerra de libertação nacional, período em que colonos e nativos se embatiam constantemente. Por um lado, a administração colonial acusava os missionários protestantes de serem os culpados pelo despertar nacionalista e pela consequente luta de libertação colonial. Isso fez com que alguns missionários fossem proibidos de atuar e, consequentemente, as igrejas, sobretudo as protestantes, tivessem que manter uma postura sigilosa e realizar reformas em sua maneira de operar. Mesmo assim, sobreviveram e cresceram, a despeito das inúmeras restrições governamentais. Curiosa e pertinente é a alusão que Henderson faz ao afirmar que, nesse período, havia duas igrejas: uma anticolonial e outra pró-colonial, ou seja, uma que condenava o sistema colonial ou não se aliava a ele, e outra que era colaboradora desse sistema.

Na terceira parte, o autor revela que, apesar do sectarismo, a Igreja apoiou os líderes nacionalistas angolanos, que fortaleceram os laços com líderes eclesiásticos de várias igrejas e sabiam que podiam contar com o apoio dos fiéis, seja em oração, seja em ação. A independência era encarada com esperança e ansiedade, até que aconteceu.

Todavia, mesmo com o alcance da independência nacional de Angola, a esperada paz não se concretizou, pois eclodiu uma nova fase de negror: a guerra civil. Irmãos desavindos, por motivos políticos, começaram a guerrear entre si, o que gerou caos, violência, doenças, fome, destruição, mortes e ingerência de outras nações no país. Daí o autor revelar que foi um período difícil, já que a Igreja teve que se adaptar à nova realidade conflituosa, tornando-se ambulatória em alguns lugares e, por outro lado, tendo que suportar o novo sistema governativo, que a considerava inimiga do progresso e das necessidades reais do povo.

Assim, as igrejas, sobretudo as protestantes, enfrentaram outros desafios: a nacionalização da educação, pois o ensino devia ser ministrado apenas pelo Estado; a confiscação de vários edifícios das igrejas pelo Estado; a prisão de missionários acusados de rebelião política; o encerramento de várias missões; raptos e mortes de missionários católicos; as ações anticristãs do marxismo-leninismo, entre outros. Tudo isso não acabou com a Igreja; milagrosamente, ela se reafirmou, adaptou-se, pregou a paz e a esperança, ajudou os necessitados, reorganizou-se e uniu-se. Foi nessa fase difícil que o ecumenismo ganhou mais força. Diante do papel das igrejas, o Estado viu-se obrigado a reconhecer, em 1987, doze igrejas legais e, mais tarde, outras. Assim, a despeito das diferenças, elas formaram conselhos e alianças e mantiveram encontros ecumênicos frequentes.

A obra que narra essa experiência apresenta algumas lacunas. Em primeiro lugar, ao descrever o solo religioso angolano antes do cristianismo, o autor apresenta a religião “tradicional angolana” como um todo (p. 29), quando, na perspectiva histórica, não existia uma religião angolana única, pois o fenómeno religioso divergia de acordo com a realidade geográfica e étnica. Em segundo lugar, há certa parcialidade ao abordar o papel das igrejas, pois o autor se concentra mais na Igreja Católica e nas igrejas protestantes. Entre estas, o foco recai sobre metodistas, evangélicas, apostólicas, luteranas, baptistas e pentecostais, sendo deixadas de lado, por exemplo, a Igreja Adventista do Sétimo Dia e as Testemunhas de Jeová, às quais são feitas curtas alusões, que não passam de duas páginas, sem referência a personalidades que se destacaram em algum ponto ou momento. Em terceiro lugar, no âmbito do protestantismo, o autor se concentra mais no Norte e no Centro de Angola, explorando pouco a região sul. Em quarto lugar, não aborda o papel das igrejas na preservação das línguas locais.

Não obstante esses elementos, a obra é elucidativa e pertinente, porquanto o autor utiliza uma linguagem clara e acessível a todos os níveis, apresenta os tópicos de forma sistemática e articula abordagens de autores estrangeiros e nativos, valorizando também a tradição oral. Ademais, o autor analisa não somente a implantação das missões, mas também o crescimento das igrejas, bem como os desafios por elas enfrentados em solo angolano. Apresenta a Igreja como um único rio, do qual as denominações são simplesmente correntes, ressaltando o ecumenismo. Por outro lado, a historicidade e os aspectos missiológico e antropológico das igrejas são discutidos de forma integrada. O autor não encerra o assunto, mas admite que há aspectos que carecem de mais pesquisa por futuros investigadores.

À guisa de conclusão, Henderson cumpre, em linhas gerais, o propósito do livro, porque transmite ao leitor o processo de estabelecimento, crescimento e diversidade eclesiástica cristã em Angola, assunto ainda pouco fundamentado do ponto de vista bibliográfico. Com

isso, contribui para um melhor entendimento do fenómeno do cristianismo em Angola, desde o tempo pré-colonial até o pós-colonial. É um livro indispensável para quem deseja aprofundar a história de Angola em geral ou a história da Igreja em Angola em particular, uma vez que se destaca pela clareza e pela relevância. Recomenda-se a estudantes, historiadores, teólogos e interessados na história religiosa angolana.

Referências

HENDERSON, Lawrence W. *A Igreja em Angola: Um Rio Com Várias Correntes*. Luanda: Livraria Barquinho, 2015. 494p.

Sumário de *A Igreja Em Angola: Um Rio Com Várias Correntes*.

Prefácio

Introdução

Primeira Parte – Período Colonial 1866 a 1960

1. O solo em que a Igreja foi implantada
2. A implantação da Igreja 1866-1899
3. O crescimento da igreja 1900-1960
4. Detém-se o crescimento
5. A escola: o principal meio de implantação e crescimento da Igreja
6. O mistério da cura
7. A organização da Igreja
8. A Igreja em oração
9. O Estado e a Igreja

Segunda Parte – A transição de colónia para Estado independente 1961 a 1974

10. A Igreja em plena guerra
11. A Igreja e a reforma

Terceira Parte – A independência e a guerra civil 1975 a 1989

12. A Igreja perante à independência
13. O confronto entre Igreja e Estado
14. A Igreja adapta-se à independência
15. Analisando nossos pressupostos

Bibliografia

Resenhista



Marcelino Chinhama Hossi é mestrando em Ensino de História de África no Instituto Superior de Ciências da Educação da Huila (ISCED-Huila) em Angola, licenciado em História (ISCED-Huila) e licenciado em Teologia (Universidade Montemorelos, México). Atua como educador e teólogo. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8310-0983>. E-mail: marcelinohossi5@gmail.com.

Para citar esta resenha

HOSSI, Marcelino Chinhama. História, Cristianismo e Missiologia. Resenha de: HENDERSON, Lawrence W. *A Igreja em Angola: Um Rio Com Várias Correntes*. Luanda: Livraria Barquinho, 2015. 494 p. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 6, n. 29, p. 1-5, maio / jun., 2026.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).